

ARTES PLÁSTICAS



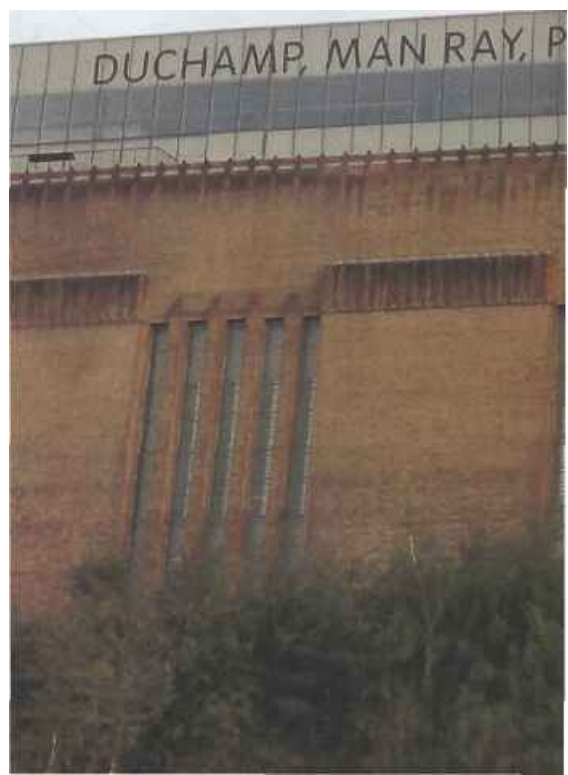
SUAVIDADE A obra da americana Tara McPherson tem imagens femininas e marcantes

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp), avenida Paulista, cartão-postal da maior cidade do Brasil. O vai e vem contínuo dos carros, somado aos apressados passos dos pedestres, dá forma a um complexo baile urbano. No grande vão da obra-prima de Lina Bo Bardi (1914-1992), um grupo se destaca. Calça jeans, tênis tipo All Star, camisetas de bandas de rock ou de estampas contemporâneas, eles entram direto para o subsolo. Lá está a exposição "De Dentro Para Fora/De Fora Para Dentro", com trabalhos de grafiteiros famosos — das ruas e das galerias do Brasil. Esse estilo de arte contemporânea, considerada uma das mais importantes do fim do século XX, ganha cada vez mais adeptos e fãs. A efervescente cena artística de São Pau-

DAS RUAS PARA OS MUSEUS

Antes marginalizado, o grafite se tornou badalado e hoje é visto como uma das grandes formas de expressão do mundo contemporâneo,

DANIELLE SANCHES



lo só comprova o que já era sabido pelos curadores: o grafite, antes relegado às ruas, quase marginalizado, agora se tornou parte do circuito oficial das artes visuais. "Em um mundo cada vez mais urbano, é natural que a arte seja mostrada nas ruas das cidades", diz Baixo Ribeiro, proprietário e curador da Choque Cultural, uma das galerias de arte urbana mais famosas do mundo. "Os artistas atuais estão fortalecendo uma arte de vanguarda e sabem disso", acredita.

O grafite existe desde o Império Romano, quando muros das cidades e das casas também eram rabiscados como forma de protesto. Mas o trabalho que conhecemos hoje vem da década de 1970, quando os desenhos feitos em espaços públicos, na periferia de Nova York, ganharam for-

SOB OS HOLOFOTES

Cedar Lewisohn (ao lado) é curador da galeria britânica Tate Modern (abaixo), que expôs grafites em sua fachada em 2008. Abaixo, à direita, obra do artista plástico Stephan Doitschinoff





ça junto com a cultura do hip-hop. Críticas, as imagens disparavam mensagens sobre pobreza, violência, marginalização, famílias desestruturadas e até mesmo o caos dos grandes centros. Outros temas, como a cultura local e o imaginário coletivo, também foram e ainda são fontes de inspiração. "Tiro muitas idéias do universo infantil", disse à Platinum o americano Gary Baseman, aclamado artista que, influenciado pelo movimento toy art, cria quadros e esculturas com figuras de bonecas e ursos de pelúcia. Outro americano respeitado, o artista Shag reinventa o futurismo caricato dos anos 1970. "Comecei fazendo design gráfico, mas minha carreira deslançou quando decidi fazer arte do meu jeito", orgulha-se. No caso do artista plástico brasileiro Stephan Doitschinoff, o folclore e a religião se tornaram seu foco.



"Me aprofundi no sincretismo religioso do Brasil e nas tradições regionais", afirma. Levam sua assinatura as ilustrações em casas, igrejas e até no cemitério da pequena Lençóis, na Bahia. O trabalho virou livro: "Calma — The Art of Stephan Doitschinoff", publicado pela editora alemã Gestalten, que ficou encantada pelas obras.

Na história do grafite, no entanto, um dos mais importantes expoentes foi o americano Jean-Michel Basquiat (1960-1988), que ficou famoso ao ilustrar com pinturas poéticas os prédios abandonados de Manhattan. Outra artista de renome é Tara McPherson, que cria figuras femininas e sensuais. Suave demais para uma crítica social? Nem tanto. "Os grafites de São Paulo, por exemplo, usam muitas formas orgânicas e são, de certa maneira, até delicados", opina Cedar Lewisohn, curador da renomada galeria britânica de arte contemporânea Tate Modern, que esteve no Brasil a convite da galeria Choque Cultural. "Muitas vezes, desenhar uma flor nas ruas pode ser muito contraventor" acredita. Cedar foi o responsável pela

ACERVO RESPEITADO Na página ao lado, quadro do artista Gary Baseman (à esq.) e painel de Shag (acima). Nesta página, ambiente da nova galeria Choque Cultural, em São Paulo. Abaixo, as obras da dupla OsGemeos, expostas no Museu da Faap em 2009



exposição de obras do grafite mundial na galeria inglesa, em 2008. A organização foi, no mínimo, inusitada: as obras foram pintadas na fachada do prédio. "Fizemos isso para manter o grafite em seu contexto, ou seja, nas ruas", explica ele. A mostra, que contou com a participação dos irmãos OsGemeos e do artista Nunca, foi um sucesso de público. "A arte sempre representou um momento vivido pelo homem", afirma José Henrique Fabre Rolim, da Associação Paulista de Críticos de Arte. "A vida nas cidades se tornou complexa e isso deixou uma profunda marca cultural" afirma.

Hoje, essa marca envolve muito mais que rolinhos encharcados de tinta e latas de spray. E as obras de grandes grafiteiros de renome internacional já chegam a custar US\$ 50 mil. "Os artistas atuais sabem usar diversas mídias diferentes, até as mais tecnológicas" afirma o artista Baixo Ribeiro. Por isso, o que antes era contravenção se tornou uma forma de expressão artística incluída no âmbito da arte urbana. Ou seja, é uma linguagem que interage com o espaço das cidades. A proxi-

midade com o público é o ponto central do fascínio que as pessoas sentem diante do grafite. "É uma estética familiar, conhecida dos bairros e das ruas da cidade", explica Maria Izabel Branco Ribeiro, diretora do Museu de Arte Brasileira da Faap, instituição paulistana que recentemente abrigou a exposição "Vertigem" com as obras d'OsGemeos. Essa identificação também se deve aos temas, sempre fazendo referência a algo que está arraigado na cultura popular do lugar. "As pessoas sentem que podem entender aquilo sem precisar estudar antes", diz Cedar Lewisohn. Para ele, o sucesso do grafite é fruto da sua imagem transgressora. "Em uma sociedade capitalista como a nossa, quanto mais se tenta ficar fora da ordem, mais as pessoas amam você", acredita. "É como se fosse um sonho. As pessoas querem mergulhar nele." •